

Galvão de Sousa e Lira Pérez: duas obras sobre a Hispanidade e um destino comum¹

Javier Molina Johannes²

“Los valores más amenazados de la Cultura Occidental
no son los materiales sino los espirituales”
Osvaldo Lira

No meu caso, o *Tratado de Tordesilhas* foi uma possibilidade para começar este diálogo. Hoje nós aprofundamos num pequeno grupo reacionário a dita divisão e, sob nenhuma circunstância, tem horizontes progressistas; pelo contrário, é uma tendência restauradora de um catolicismo tradicionalista. Então, falamos sobre duas obras que tem pensando como juntar estos territórios; um discurso hispanista que ainda mantém alguma ressonância nas direitas latino-americanas, mesmo que seja marginalizada. Nesta ocasião, destacamos um dos elementos que compõe esta ideologia, mas antes descrevemos brevemente como esta vertente foi recibida e influenciou na cultura continental nos anos trinta do século XX.

Neste sentido, ela teve fortes influências na historiografia, na literatura, na filosofia, nas artes, em resumo, na diversidade dos dispositivos culturais, o que teve um fortalecimento durante as distintas ditaduras em nosso continente. Vamos lembrar que Franco –o ditador espanhol– foi um importante promotor destas tendências, impulso que hoje faz VOX, o partido da direita radical espanhola através de sua noção de *iberósfera*. Além disso, nas direitas hoje está retomando força à antiga ideia da *decadência de ocidente*, particularmente para enfrentar às esquerdas e suas políticas.

Por enquanto, para pensar estas redes, note-se que em *Acción Española*, revista editada desde 1931 até junho de 1936, estavam sendo publicados artigos de Ramiro de Maeztu, os que após foram convertidos em seu livro *Defensa de la Hispanidad* (1934), e editado em 1975 pela *Editora Nacional Gabriela Mistral*, editora da ditadura chilena. Aquele pequeno dado pode dar uma chave de leitura. Então, desde 1927, Ramiro de Maeztu era o embaixador espanhol na Argentina, onde ficou ligado com o sacerdote Zacarías de Vizcarra, o qual tem sido considerado o impulsor do termo *Hispanidad* através de seu artigo *La Hispanidad y su verbo* (1926). Além disso, foi um dos fundadores da revista *Criterio* (1928), uma importante publicação do

¹ A apresentação foi feita em espanhol, mas preparei uma tradução para esta ocasião e fazer mais fácil sua difusão no público brasileiro.

² Doutorando em Estudos Latino-americanos na Universidade do Chile: jmolina.joh@gmail.com

tradicionalismo católico argentino. Nessa geração dos promotores do hispanismo ficou também Manuel García Morente com seu livro *Idea de la Hispanidad* (1938), quem estava na Argentina também; o mesmo que outro sacerdote espanhol, Isidro Gomá y Tomás, quem destacou que a guerra na Espanha era uma luta dos sem Deus contra a verdadeira Espanha, a da religião católica.

Enfim, para conhecer esta tendência e algumas de suas conexões político-culturais, revisamos distintos fragmentos de *O Brasil no Mundo Hispânico* (1962), de João Pedro Galvão de Sousa, e *Hispanidad y mestizaje* (1952), de Osvaldo Lira Pérez. A partir destas duas obras, compomos uma perspectiva da Hispanidade ao nível transnacional, aportando para reconhecer noções-chaves dos grupos tradicionalistas em Latino-América. Porém, nesta apresentação não falamos sobre os trânsitos e redes de sociabilidade que foram produzindo em torno do hispanismo. E com certeza deixamos vários nomes e situações fora desta fala.

JOÃO PEDRO GALVÃO DE SOUSA

Nasceu em São Paulo em 1912, titulado na Faculdade de Direito e graduado na Faculdade de Filosofia e Letras da mesma cidade. Além disso, participou em várias revistas como *Scientia Iuridica*, *Reconquista* e *Hora Presente*. Foi um dos fundadores da Ação Universitária Católica, onde conheceu a Plínio Corrêa de Oliveira, outro importante tradicionalista católico brasileiro, e também da Faculdade Paulista de Direito, origem da atual Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e foi professor na Universidade de São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e na Faculdade de São Bento. Apesar disso, sua obra tem sido mais trabalhada na Espanha que no Brasil. Enfim, foi um *tomista autêntico* e um forte expoente da fé católica (AYUSO, 2019).

Por sua parte, Miguel Ayuso, o referente atual do tradicionalismo na Espanha, numa resenha sobre o livro *Legitimidade, Hispanidade e Tradição*, editado em 2019 pelo *Consejo de Estudios Hispánicos Felipe II*, organização tradicionalista liderada por Ayuso, ele comenta que João Pedro Galvão de Sousa (1912 – 1992) “[...] destaca como una de las personalidades más señeras del tradicionalismo hispánico del siglo XX” (AYUSO, 2019, p. 509). Nessa linha, diz que Galvão de Sousa foi aderente do Carlismo e estava nas empresas mais reconhecidas do tradicionalismo espanhol dessa época. Por exemplo, participou na edição do livro *¿Qué es el Carlismo?* que dirigiu Elías de Tejada, um dos máximos referentes desta tendência.

Após comentar a fundação da revista *Reconquista*, de curta duração, Ayuso fala que “un decenio después Galvão de Sousa fundaría, siempre con la colaboración de su compadre Elías de Tejada, otra revista, *Hora presente*, en admirable fidelidad a una línea marcada por la catolicidad, la hispanidad y la legitimidad. Esto es, la del tradicionalismo hispánico” (AYUSO, 2019, p. 509). Além disso, se destacam sua vinculação com Rafael Gambra, Juan Vallet de Goytisolo e Álvaro d’Ors, todos eles importantes autores do tradicionalismo. Assim, Galvão de Sousa apoiou a criação da *Asociación de Iusnaturalistas Hispánicos Felipe II* e foi participante regular das revistas: *Ciudad Católica* e *Verbo*, nesta última já foram publicados dezenove artigos de sua autoria. Da mesma forma, na edição de 1998 dos *Anales de la Fundación Elías de Tejada* foi publicado seu trabalho *Sociedade e Constituição* e quatro estudos sobre sua obra; dois deles, no primeiro número (1995). Deste modo, é interessante como se conectam as redes de sociabilidade do tradicionalismo católico através das publicações, formando uma rede entre revistas; neste caso, entre Espanha e Brasil.

Por outro lado, após conhecer ao Elías de Tejada y Spínola em 1949, quem lhe presenteou ao Juan Vázquez de Mella, Antonio Asparisi y Guijarro e Enrique Gil Robles, este último já conhecia ao António Sardinha, o integralista português. Enquanto, ele presenteou-lhe seus amigos: Alexandre Correia y João de Scantimburgo. Desta maneira, é possível apreciar as afinidades dos autores e suas tendências. Até mesmo, na revista *Verbo* (2017) destacam o papel do João Pedro Galvão de Sousa no tradicionalismo hispânico.

Então, passarei mostrar algumas características de sua obra. Aí, um dos elementos principais é a disputa entre o catolicismo e o protestantismo, o *antagonismo* entre a Europa moderna, protestante e racionalista, frente aos povos da península ibérica, os quais estariam arraigados a sua formação católica medieval. Essa dualidade se reproduziria no Novo Continente; por um lado, a América anglo-saxão e, por outro lado, a América hispânica (os povos hispano-americanos e o Brasil também). Na maioria, “estes últimos foram os legítimos herdeiros e continuadores da cultura europeia tradicional, tendo-se avantajado de muito às colônias inglesas do norte do continente [...]” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 45). Para dizer isso, ele justifica com uma evidência geográfica: “[...] os Pirineus, com suas altas serranias e seus poderosos contrafortes, representam uma proteção aos povos peninsulares, adestrados nas guerrilhas e emboscadas favorecidas pelas condições topográficas” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 13). Em resumo, a divisão entre Portugal e a Espanha seria somente uma *raia*, dizer que, “uma divisão em

família, ao passo que a fronteira, [...]” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 14). Neste sentido, uma expressão que concede limites territoriais, mas não culturais. De fato, o mundo hispânico, apesar de manter “[...] elementos díspares entram na constituição étnica de um povo cuja sólida unidade, obra de séculos e de fatores espirituais, chega a surpreender diante de tão heterogêneos componentes” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 15).

Por isso, retomando a ideia precedente, expõe que Portugal e a Espanha são duas nações perfeitamente definidas e historicamente irmanadas, as duas unidas pela função da *Eternidade* (GALVÃO DE SOUSA, 1962). Deste modo, Galvão de Sousa assinala que os limites portugueses são muito anteriores as nações europeias atuais e que a Espanha é uma aglutinação de povos e reinos a partir da força absorvente, telúrica e espiritual de Castilla (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 13). Assim, por meio de uma referência ao Ramiro de Maeztu, comenta que “pode-se, pois, dizer que a *missão histórica dos povos hispânicos consiste em ensinar a todos os povos da terra que se quiserem pode salvar-se, de que sua elevação não depende senão da sua fé e da sua vontade*”³ (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 40).

Nesse sentido se apresenta um horizonte, o qual estaria no *Concílio de Trento* (1545 – 1563), onde se ficaria uma perspectiva para enfrentar o pessimismo do individualismo da Modernidade. A concepção católica outorga um valor supremo do homem enquanto criatura do Deus, dotada de alma espiritual e imortal. Desta maneira, todas as pessoas podem-se salvar enquanto superem sua inclinação ao mal (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 39). Aquela proposta é, novamente, contra o individualismo protestante, e isso, porque “o individualismo protestante, rebelando-se contra o magistério infalível, separa o fiel da comunidade eclesiástica, para fazer a vida religiosa depender do livre-exame, ou seja, da razão de cada um” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 41). O anterior tem como consequência o individualismo econômico e político também.

De fato, segundo Galvão, esta concepção protestante, “é uma visão *anti-histórica*, que separa o homem de suas tradições e acaba por preconizar, para todos os povos, os mesmos regimes políticos e as mesmas constituições, meras decorrências dos Direitos do Homem e do Cidadão [...]” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 41). Pelo contrário, a visão hispânica, onde está incluído o Brasil e a herança lusitana, é uma perspectiva histórica do homem, porque se fundamenta numa *tradição* e pertence a grupos naturais, como a família. Além disso, se configura uma olhada *supra-histórica*, por seu caráter transcendente. Em resumo, “o homem dessa

³ Ênfase no texto original.

concepção entranhadamente católica é o peregrino em demanda da Eternidade, o *homo viator*, a alma da busca ansiosa do Infinito” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 42).

Para encerrar esta seção, destacamos que para João Pedro, o papel do Pedro I no movimento da emancipação brasileira foi chave para a separação de Portugal, mantendo sua unidade territorial, não como a fragmentação político-cultural que viveram os territórios espanhóis (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 48). Por isso, segundo ele, quando se tentou fragmentar com uma inspiração norte-americana, “[...] já tínhamos nós uma tradição consolidada, que foi capaz de resistir ao abalo revolucionário, como não se verificara com os povos hispano-americanos nas tormentosas décadas da independência” (GALVÃO DE SOUSA, 1962, p. 49). E, para o autor, aquela potencialidade estaria fundamentada na síntese da *raça cósmica* que se conseguiria no Brasil. Até mesmo, graça a uma perspectiva religiosa que desenvolveria uma assimilação jurídica e uma suposta igualdade tão de origem quanto da raça.

OSVALDO LIRA PÉREZ

Sacerdote chileno formado na Congregação dos Sagrados Corações. Depois se incorpora à revista *Estudios*, onde conhecerá ao Julio Philippi e Jaime Eyzaguirre, aprofundando seus conhecimentos sobre o corporativismo e o hispanismo. Foi exilado pela mesma Congregação na Espanha entre 1940 e 1952, lá publicará seus primeiros livros, onde destaca *Nostalgia Vásquez de Mella* (1942). A sua volta a Valparaíso, junto a outros de seus alunos, criará o *Movimiento Revolucionario Nacional Sindicalista* (MRNS) e a revista *Tizona* também. Além disso, no ano 1957 se foi a Santiago, onde continuará ensinando na Universidade Católica e na escola de sua Congregação, onde começa sua vinculação direta com Jaime Guzmán Errázuriz, o ideólogo da ditadura chilena após o Golpe do ano 1973.

Então, passemos a seu pensamento. Segundo Lira,

[...] no ha logrado todavía el mundo hispánico vencer los recelos esterilizadores que vienen manteniendo espiritualmente distanciadas unas de otras las naciones que lo integran, ni tampoco dar a conocer con vigor suficiente sus más íntimas aspiraciones, dignas hoy más que nunca de ser puestas en práctica, por su entrañada espiritualidad cristiana, como remedio salvador de la crisis por que atraviesa el mundo (LIRA, 1952, pp. 13 – 14)

O anterior, para Osvaldo Lira, é uma traição à Humanidade, porque ao abandono de nosso destino histórico. Em outras palavras, não consegue a realização de seus verdadeiros propósitos. De fato, dita situação qualifica-a como *suicida*, devido a que os povos hispânicos ficam à mercê

dos instrumentos da *desnacionalização* e do *imperialismo*. Por isso, continua dizendo que no caso de não conseguir a maturação de nossa própria unidade antes das demais constelações raciais, se refere ao anglo-saxão, ficaríamos condenados à docilidade frente a sua dominação. Noutras palavras, incapazes de resistir, por isso, “para la nación, como para la planta, arrancarla de sus raíces le significa necesariamente y a corto plazo la muerte” (LIRA, 1952, p. 15). Em consequência, torna-se imprescindível compreender a constituição de cada nação. Portanto, um aspecto chave de seu pensamento se resume aqui: “[...] a pesar de las aportaciones sociales de indígenas y europeos establecidos en los territorios de América, las naciones hispanoamericanas constituyeron desde un principio y siguen constituyendo todavía un todo perfectamente homogéneo de cultura entre sí y con España” (LIRA, 1952, p. 15). Assim, temos dois aspectos enfatizados: (i) a condição ontológica da nação e (ii) a superioridade da empresa civilizadora da Espanha comparada com a de Roma, por exemplo.

Deste modo, a nação tem, por um lado, uma ontologia, que seria “[...] el conjunto de valores fundamentales y permanentes que están contenidos en ella” (LIRA, 1952, p. 17), o também chamado *essência* ou *natureza* dela e, por outro lado, um aspecto histórico, o qual refere-se a “[...] su verificación en el transcurso del tiempo. Siendo, como es de suyo, prolongación efectiva de la persona individual humana en el plano de los valores colectivos [...]” (LIRA, 1952, p. 18). Por isso, quando se fala sobre a Espanha, por exemplo, se refere tanto a seu fluxo histórico quanto a sua entidade permanente, quer dizer, uma *auténtica estabilidad substancial* de traços espirituais perfeitamente determinados (LIRA, 1952). Assim, olhamos com clareza vícios do Juan Vázquez de Mella e sua definição da nação: “[...] la nación, como realidad que es, posee su propia esencia” (LIRA, 1952, p. 19). Seguindo ao Osvaldo Lira, a nação não é um simples acidente, mas teria um caráter moral, o que o faz incapaz de converter em corpo tangível.

Então, retomando ao Vázquez de Mella, a comunidade nacional se definiria como um *tudo sucessivo*, ou senão, que “la esencia misma de la nación se encuentra sometida a sucesión” (LIRA, 1952, p. 29). Sob esses parâmetros, é uma forte crítica para quem busca valores novos. Deste modo, se elabora uma ideia-força da nação que, no caso hispânico ira confundindo-se com a *missão evangelizadora do cristianismo*. Aliás, com a *cristianização* do mundo. Por o mesmo, o papel da Hispanidade, incluindo Portugal e o Brasil, tem sido incomparável para defender o Ocidente respeito a outras nações, especialmente a partir da conquista e colonização da América. De fato, “las etapas en que una nación es más idéntica a sí misma son aquellas en que su

actividad se proyecta e influye por encima de sus fronteras. Porque la raíz de cualquier expansión es la plenitud interior [...]” (LIRA, 1952, p. 24).

Por outra parte, enfatizamos que para Lira a nação consta de alma e corpo, onde ela permite sua própria *unidade* e sua *permanência histórica* (LIRA, 1952, p. 29). Então, “[...] una nación verdaderamente digna del nombre de tal, da la impresión no de un caos ni de fugacidad, sino de un todo sólidamente asentado sobre ciertas bases que le aseguran permanencia [...]” (LIRA, 1952, p. 30). Uma alma, quer dizer, e refere-se ao José Antonio Primo de Rivera, *unidade de destino no universal* (LIRA, 1952). Em síntese, a alma da nação é uma vivência, o resultado da vivência que, porém, não pode equiparar-se a suas próprias realizações.

CONCLUSÕES

Em consequência, é possível olhar nestes, como noutros textos, uma superioridade que teria o *catolicismo* frente ao *protestantismo*. De fato, João Pedro Galvão de Sousa defende a composição entre o africano e o europeu na hispanidade. Por sua parte, Osvaldo Lira destaca a composição mestiça dos povos hispano-americanos também, mas isso não quita a integração destes à nação hispânica. De fato, Miguel Ayuso propõe o papel-chave destas nações na defesa e promoção da “[...] Cristiandad de las Españas de América, esto es, la institucionalización que tras la evangelización vio florecer los reinos de Ultramar. Todo lo contrario de la colonia y el colonialismo propios de otras culturas y, particularmente, la anglosajona” (AYUSO, 2019, p. 511).

Temos revisado alguns pontos-chave. A partir de Galvão de Sousa, o papel que joga o Brasil na Hispanidade, o significado desta, e a inexorável conexão entre o Brasil e os povos hispano-americanos, mostrando-se uma fórmula para abolir o Tratado de Tordesilhas, inclusive. Para isso, tem sustentado um discurso de assimilação racial e jurídica, mas uma vinculação transcendental dos valores católicos especialmente. Por outra parte, Lira (1952) assinala que a *tradição* não se pode confundir com a *rotina*, porque são coisas diversas; a tradição é um fenômeno histórico que sucede sempre, ainda não quiséssemos. Assim, a tradição ficaria à margem da vontade humana, é uma transmissão inevitável dos valores. Por isso, tanto para o João Pedro quanto para o Osvaldo, a Hispanidade é uma defesa dum *estilo de vida*. Neste sentido, segundo eles, a Hispanidade é um destino comum e uma origem compartilhada. Principalmente, porque a Espanha e Portugal foram chaves na defesa da *Cristandade* ou a *Civilização Ocidental*.

REFERÊNCIAS

AYUSO, M. (2019) Legitimidad, Hispanidad y Tradición, de José Pedro Galvão de Sousa. **Verbo**, Madrid, n. 575-576, pp. 509 – 511, 2019.

GALÃO DE SOUSA, J. P. **O Brasil no Mundo Hispânico**. Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 28 de abril de 1960. São Paulo: Instituto e da Casa de Cervantes, 1962.

LIRA PÉREZ, O. **Hispanidad y mestizaje y otros ensayos**. Madrid: Cultura Hispánica, 1952.